



PROCESSO DE TRABALHO DO PRECEPTOR NA FORMAÇÃO PARA O SUS: DIFICULDADES/FACILIDADES

Rebeka Rafaella Saraiva Carvalho¹

Leilson Lira de Lima²

Jardeliny Corrêa da Penha³

Danielly de Souza Lima⁴

Maria Salete Bessa Jorge⁵

Introdução: O processo de “preceptorar” está distante de ser somente um processo de ensinar e aprender, restringindo-se a uma preparação meramente técnica, sem formação de trabalhadores críticos e reflexivos, com ausência de relações subjetivas entre os seus atores. Nessa perspectiva o preceptor surge como um meio de supervisão docente-assistencial de caráter ampliado, de modo que suas atribuições transcendem a tradicional supervisão do desempenho prático dos estudantes, indo além do ensinar, mas também dá apoio emocional, inspira um modelo para o formando, com o objetivo de facilitar o processo de socialização e aproximação do estudante aos serviços de saúde. Assim, deve conduzir uma relação horizontal com o estudante, de modo que todos possuam o mesmo grau de importância, sem a perspectiva de inferiorizá-lo, estimulando nesta relação o ato de pensar, construir hipóteses e as ratificar ou retificar. É emergente a necessidade da construção de relações positivas entre discentes, docentes, Instituições de Ensino Superior (IES) e preceptores as quais favorecem o crescimento crítico e reflexivo do graduando com foco na integralidade das ações e serviços de saúde, bem como do cuidado. **Objetivo:** Identificar as dificuldades e os aspectos positivos no trabalho do preceptor-enfermeiro no processo de formação de graduandos de Enfermagem. **Descrição metodológica:** Integrante da pesquisa “Processo de formação em saúde como estratégia de melhoria do cuidado interdisciplinar e integral para o SUS”, financiado pelo CNPq e Ministério da Saúde, realizado pelo Grupo de Pesquisa Saúde Mental, Família, Práticas de Saúde Enfermagem – GRUPSFE. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa. Os participantes foram constituídos por três grupos de informantes: Grupo I - docentes dos cursos de graduação em Enfermagem; Grupo II - discentes dos cursos de graduação e pós-graduação em Enfermagem; Grupo III - Enfermeiros da rede SUS que atuam como preceptores. Para a abordagem qualitativa foram coletados dados por meio de roteiro de entrevista semi-estruturada e documentos (Projetos Políticos Pedagógicos), sendo os últimos submetidos pela análise qualitativa do software Nvivo 9.0. Foram coletadas informações em 71 entrevistados dos três grupos. Utilizou-se a técnica de análise temática. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE, sob nº 10461052-2.

1. Enfermeira. Integrante do Grupo de Pesquisa Saúde Mental, Família, Práticas de Saúde e Enfermagem. Bolsista de Apoio Técnico FUNCAP. E-mail: rebeka_scarvalho@hotmail.com
2. Enfermeiro. Doutorando do Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (PPCLIS/UECE).
3. Enfermeira. Mestranda do Programa Pós-graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde UECE.
4. Enfermeira. Mestranda do Programa Pós-graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde UECE.
5. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP). Pós-doutora em Saúde Coletiva pela UNICAMP. Docente do Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (PPCLIS/UECE), Mestrado em Saúde Pública da UECE e do Doutorado em Saúde Coletiva em Associação UECE/UFC/UNIFOR. Pesquisadora IC CNPQ. Líder do Grupo de Pesquisa Saúde Mental, Família, Práticas de Saúde e Enfermagem.



Resultados: No processo de trabalho do preceptor há além de suas responsabilidades assistenciais, como trabalhador de saúde, a necessidade de participação (ou não) na elaboração, execução e avaliação de programas de estágios curriculares desenvolvidos na unidade, o que muitas vezes, gera sobrecarga por não gerenciamento das atividades a serem realizadas. Os discursos revelam essa dificuldade dos preceptores em desenvolverem as atividades que facilitam ou promovam a eficácia e a efetividade do processo ensino-aprendizagem nos serviços de saúde. Nesse contexto, a problematização colocada é a falta de relações (inter) subjetivas entre discentes e preceptores, bem como destes últimos com os docentes e as IES, revelando a existência da visão dicotômica entre teoria e prática. Dessa maneira, segundo Carvalho e Fagundes (2008), os estágios deixam de ser objeto de preocupação das instituições formadoras, refletindo em uma postura pouco compromissada por parte dos trabalhadores envolvidos. Os discursos revelam ainda, no que concerne às relações entre preceptores e docentes, que alguns destes não fazem o acompanhamento devido dos alunos, ficando a cargo dos trabalhadores toda a supervisão e controle das atividades a serem realizadas, bem como das estratégias avaliativas. Tal atitude gera ressentimento por parte dos preceptores, que, segundo Carvalho e Fagundes (2008) sentem dificuldade em lidar com questões relacionadas à aprendizagem dos alunos, à falta de respaldo para cobrar destes o cumprimento de atividades propostas ou, ainda, para o suporte no processo de avaliação. Em relação ao apoio das IES, pode-se dizer que estas não parecem saber claramente o que espera que os alunos aprendam nos estágios curriculares e, conseqüentemente, que tipo de relação construir com os preceptores. Desse modo, a maioria dos trabalhadores de saúde não encontra apoio institucional ou oferta de oportunidades para acesso a cursos de formação conforme as prioridades estabelecidas por cada setor. Apesar das barreiras encontradas, pontos positivos são observados, como a possibilidade de desenvolvimento profissional do preceptor e a melhoria do atendimento ao indivíduo, família e comunidade, visto que as relações de trabalho produzem, de modo dialético, não somente conflitos, mas também consensos; não só reprodução, mas também transformação da realidade vivida e do ser que a vive. Em alguns discursos é possível notar a existência de diálogo entre os atores e equipamentos que compõem o professor formativo em saúde, entre eles as IES, de modo a favorecer o adequado desempenho do exercício dos preceptores, estimulando, assim, a formação de trabalhadores capacitados para atender aos princípios do SUS. Além disso, alguns preceptores sentem satisfação em receber os alunos, o que estimula também o desenvolvimento de boas relações. Consoante Tavares et al(2011), à medida que aqueles se sentem satisfeitos nas atividades de preceptoria, buscam mais ou ficam mais estimulados à atualização e participação na educação permanente, possibilitando a introdução de novos conhecimentos, atualidades e trocas de experiências com o graduando. É importante ressaltar também a responsabilidade da instituição formadora, a quem cabe celebrar os convênios no sentido de reconhecer o potencial pedagógico dos preceptores para a realização do estágio supervisionado curricular, além da ocorrência de recursos materiais para esse fim. **Conclusão:** Em face de todo o exposto, faz-se fundamental admitir a importância dos atores (discentes, docentes e preceptores) envolvidos no processo formativo em saúde, como sendo “peças” fundamentais na formação de trabalhadores de saúde críticos e reflexivos, voltados para a integralidade das ações e serviços de saúde, bem como do cuidado ao indivíduo, família e comunidade. Torna-se primordial para a diminuição e porque não dizer, eliminação das dificuldades encontradas no desenvolvimento do estudo, a articulação de todos os passos da produção do cuidado, os quais permeiam a associação da teoria à prática, por meio de um acompanhamento da trajetória do cuidado integral, evitando-se, assim, sua fragmentação e dissociação. **Contribuições para a Enfermagem:** Desse modo, esperamos conseguir avanços no processo formativo com vista à articulação efetiva e eficaz entre discentes, preceptores, docentes,



academia e serviços de saúde, a fim de que formemos trabalhadores de saúde comprometidos e competentes em todos os níveis, com ênfase na integralidade do cuidado e das ações prestadas ao indivíduo, família e comunidade.

REFERÊNCIAS

Botti SHO, Rego STA. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis? Rev. Bras. Educ. med. 2008; 32(3).

Carvalho ESS, Fagundes, NC. A inserção da preceptoria no curso de graduação em enfermagem. Rev. Rene. 2008; 9(2).

Tavares PEN et al. A vivência do ser enfermeiro e preceptor em um hospital escolar: olhar fenomenológico. Rev. Rene. 2011; 12(4).

Trajman A et al. A preceptoria na rede básica da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro: opinião dos profissionais de Saúde. Ver. bras. Educ. med. 2009; 33(1).

Descritores: Formação Profissional. Enfermagem.

Área temática 8: Políticas e Práticas de Educação e Enfermagem